



Efeitos de transferência na NRF e no IPLA¹

“Mesmo se devemos considerar a transferência como um produto da situação analítica, podemos dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo, e que, para produzi-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes às quais ela dará composição, talvez única. Isto não exclui de modo algum, onde não haja analista no horizonte, que ali possa haver, propriamente, efeitos de transferência exatamente estruturáveis como o jogo da transferência na análise.”² (Lacan: 1985, p.120)

Este trabalho tem por objetivo apresentar efeitos de transferência fora da análise, através da Nouvelle Revue Française – NRF e do Instituto da Psicanálise Lacaniana – IPLA.

Século NRF

A NRF é uma revista literária fundada em 1909 por um grupo de jovens literatos em torno da personalidade de André Gide e sua obra. A revista teve enorme sucesso, que levou à criação da Editora Gallimard, em 1911, para publicar os livros dos autores NRF. Ela exerceu importante papel na literatura do Século XX, não só pelos escritores que publicou – Sartre, Proust, Claudel, Saint-John Perse, etc – como pela influência que exerceu sobre a própria criação literária, a tal ponto, que se chegou a falar de Século NRF. Entre os vários autores NRF – Gide, Sartre, etc – que receberam o Prêmio Nobel de Literatura, destaca-se o de 2009: Le Clézio.

Uma testemunha diferente – o embaixador nazista Otto Abetz – declara, em sua chegada a Paris, em 1940, que há três poderes naquela cidade: os grandes bancos, a maçonaria e a NRF (Roudinesco, 1986, p.99).

Acima do caráter ideológico e das escolas literárias, a NRF impõe uma literatura de qualidade. Assim, Gide, em seu diário, responde às críticas: “... ‘reconhecem como gente de valor apenas seus amigos’, diziam. Não teria sido mais justo dizer ‘reconheciam apenas como amigos gente de valor’? O agrupamento que aqui se formava, contrariamente a todos os outros grupos ao redor, só consentia levar em conta a qualidade dos escritos e de forma alguma sua cor. Nada foi mais difícil de ser admitido, até por alguns de nossos colaboradores.” (Alban Cerisier, 2009).

¹ Trabalho final do módulo III – *Transferências* – apresentado pelo Grupo 1: Daniela Delamare, Daniela Gatto, Garabet Kissajikian Jr., Maria Rosália P. Gomes, Rodrigo Luíz C. Gonsalves, Taísa Z. Negreiros, Teresa Genesini, sob a coordenação de Elza Macedo e Alain Mouzat.

² Jacques Lacan: Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – 1964.

Gide e a criação da NRF

André Gide (Paris, 1869 – Paris, 1951) foi um escritor de grande destaque na primeira metade do Século XX; ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1947. Suas obras mais importantes: *O imoralista*; *A porta estreita*; *Se o grão não morre*; *Corydon*.

Foi emblemático o combate de Gide à moral vigente: moral vitoriana, repressora e hipócrita. A mesma moral com a qual Freud se deparou. Nesse combate contra a moral vigente se destaca uma obra de Gide: *Corydon*, na qual ele afirma sua homossexualidade e uma militância nesse sentido. Uma curiosidade: Freud não só recusou o pedido de Gide, através de Strachey, para prefaciá-lo *Corydon*, como também negou qualquer aval a essa obra (Roudinesco, 1986). Essa mesma obra na qual, no entanto, Lacan (1998) enxergará uma “intuição que faz dela uma surpreendente apreensão da teoria da libido” (p.774). Com efeito, o primeiro diálogo, entre um narrador representante da opinião comum e um médico, chamado Corydon, em quem é fácil perceber um porta-voz de Gide, apresenta o que o psicanalista belga, Philippe Hellebois, chamou de uma “ética”: pautada numa fala do Abade Galiani a Madame de Épinay: “O importante não é sarar, mas viver com nossos males”.

Gide, qualquer que seja a solução que ele deu à sua sexualidade, soube identificar a força e o caráter imperioso do desejo, e a sua escrita não deixará de reafirmar a necessidade de saber do seu desejo e de fazer passá-lo no mundo, para além das morais sociais e das formas impostas pelos discursos vigentes. Projeto que ele resume numa fórmula famosa e que põe na boca de um das personagens dos *Moedeiros Falsos*: “seguir sua inclinação desde que seja subindo.” [de suivre sa pente pourvu que ce soit en montant] (GIDE, 1995).

Transferências e Efeitos de transferência

Freud percebeu a transferência de sentimentos do paciente para a pessoa do médico, que frequentemente aparecia como uma apaixonada exigência de amor. Para ele, a imediatez com que esses sentimentos são transferidos, indica que eles já estariam prontos, esperando a oportunidade de se manifestarem e que são transferidos para o médico. Ao mesmo tempo em que funciona como veículo de cura, surge também como a resistência mais poderosa ao tratamento. Fora de uma análise, constitui o fator mais forte no sentido do sucesso. Vê-se que Freud já admitia a transferência fora da análise, o que Lacan corrobora, conforme citado na epígrafe e tema deste trabalho. Lacan avança e sua definição clássica, em 1964, é: “A transferência é a atualização da realidade do inconsciente”. O inconsciente não é apreensível, é uma realidade faltosa. A atualização da realidade do inconsciente só acontece quando surge a dúvida – e nesse momento ocorre a transferência. Existe a transferência porque há vacilação – ela é consequência de uma indeterminação do inconsciente, de uma falha. A transferência é o recobrimento dessa falha. O final de análise é um trabalho de transferência que se articula com o real; tem que ser responsabilizado e não explicado.

“Existe uma falha no saber, em nosso conhecimento – e a transferência é a forma pela qual nós atualizamos isso a cada instante. Nós tentamos dar conta dessa falha através da transferência” (Forbes, 2009). A transferência tira o sujeito da sua garantia e desloca o sentido do discurso corrente. Passa do *eu falo e você me entende* para: *Eu falo e você não me entende*.

A transferência não envolve uma relação dual, mas um ternário: o psicanalista, o psicanalisante e o sujeito suposto saber – este traz a possibilidade de outra cena – há algo externo que permite um saber. É a aposta no sujeito suposto saber. “O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência” (Lacan: 1967/2003, p. 253). É a partir do sujeito suposto saber que Lacan (1973/2003) articula a transferência. “O sujeito, através da transferência, é suposto no saber em que ele consiste como sujeito do inconsciente, e é isso que é transferido para o analista, ou seja, esse saber como algo que não pensa, não calcula nem julga, nem por isso deixando de produzir um efeito de trabalho.” (p. 529-530).

Sendo a psicanálise uma práxis, o conceito de transferência dirige o modo de tratar os pacientes. Mais ainda, a clínica comanda o conceito.

A transferência é o amor verdadeiro. A literatura que o grupo NRF quer fazer é uma literatura que engaja o sujeito, não em relação a uma causa objetiva, física, mas uma literatura comprometida com a vida, vida em termos de desejo. A NRF desenvolve transferência com esse tipo de literatura. Não havia outra consígnia para estarem juntos senão o amor à literatura.

O texto de abertura da revista n.1 de 1909, de Schlumberger, intitulado *Considerations*, distingue os problemas de circunstância dos problemas essenciais da literatura: ... “os problemas de circunstância, quanto mais efêmeros, mais absorvem a atenção, enquanto os essenciais jamais estão na ordem do dia – o artista, o escritor, enfrenta-os só”. É com os problemas vitais que começam as *amizades* literárias.

O *affectio societatis* está presente em tudo que está sendo apresentado sobre a revista: A amizade NRF, o Século NRF, o livro dos aniversários da NRF, os aniversários das publicações, o centenário, Despedida aos fundadores. Toda a crítica da NRF não é uma crítica universitária, que não dialoga. A NRF é uma revista crítica que tem diálogo, conversam entre si. É significativo que a Gallimard incorpora o logo NRF.

Embora não seja o caso de desenvolver aqui, vale a pena lembrar o trabalho de Domenico De Masi (1999) sobre os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. Só para lembrar alguns dos grupos estudados: Enrico Fermi e o grupo da Rua Panisperna; A criatividade racional da Bauhaus, etc.

Buscando encontrar esse fermento da transferência e da criatividade, Lacan vai a Londres, quando termina a Guerra, fala com Bion, um dos médicos da RAF e lhe pergunta como pôde combater o significante mestre. Bion trabalhava com grupos e propôs uma causa. Dessa viagem resulta o texto *A Psiquiatria inglesa e a guerra* (1947/2003), em que Lacan afirma “A psiquiatria serviu para forjar o instrumento através do qual a Inglaterra ganhou a guerra.” (p. 124)

O IPLA e a Transferência

O IPLA e sua relação com a Psicanálise: é uma relação de transferência, não é uma relação de saber. Isso não quer dizer que não haja um saber; mas é um saber que se constrói: o IPLA não é um depósito de saber (como a universidade). Isso é explicitado, por exemplo, na denominação de Corpo de Formação, como lembra Jorge Forbes: “Um Corpo de Formação não é um curso tradicional. Quebra as hierarquias burocráticas e o tempo cronológico. Pessoas de percursos diferentes convivem e trabalham simultaneamente. Assim sendo, combina-se o frescor das perguntas com o peso do conhecimento adquirido. Sua topologia não cartesiana se baseia na Segunda Clínica de Jacques Lacan: a Clínica do Real. Seu objetivo é formar o analista cidadão, na Orientação Lacaniana”.

A ligação transferencial implica que ela se dá no um a um; cada um é responsável pela construção do seu saber. Isso não quer dizer que cada um trabalhe só. Existe um grupo que é sustentado pelo *Affectio Societatis*: O *affectio societatis* aponta para algo além do simbólico e do imaginário e sua figuração aproxima-se à tentativa de atar as pessoas ao que seria uma “incompatibilidade”, não se despreza a ordem do fazer “só” e do que é da ordem do fazer “junto”, o que se atenta é que há uma relação diferenciada do fazer junto, há uma “insociável sociabilidade” (KANT: 2004, p.57) – possibilidade de alcançar para além, uma vez juntos, mesmo que isto implique em uma moderação. Ou, nas palavras de Jorge Forbes: “O fundamento do grupo causado não é o reconhecimento mútuo, do branco e do preto, do amigo ou do inimigo, do irmão ou do estrangeiro; o fundamento é o mais repetido e menos utilizado *affectio societatis*, base de suporte das diferenças na convivência da mesma causa” (Forbes, 1998).

Opõe-se ao *affectio societatis*, o mutualismo, em que vigora o esquema toma lá dá cá, a rotina e a adaptação.

Assim, propomos um quadro sintetizando dois modos de articulação dos grupos: o mutualismo e o *affectio societatis*.

Mutualismo	<i>Affectio societatis</i>
Do Eu ideal ao Ideal do eu	Do Ideal do eu a um além de mim
Identificação: vestir a camisa	Singularidade: suportar a diferença
Modelo: Amor ao próximo como a mim mesmo (entre imaginário e simbólico)	Modelo: Amor de filiação livremente aceito (além do simbólico)
Responsabilidade dividida	Responsabilidade irrestrita
Proteção	Risco
Privilegia a identificação em detrimento da causa	Renova a ligação de cada um com a causa
Defende a camisa	Defende a causa
Supõe uma identificação possível (há um denominador comum)	Supõe uma harmonia impossível (há singularidades)

Conclusões

Alguns aspectos que extraímos da NRF fazem parte do funcionamento do IPLA: participam desse grupo porque é isso que querem. Primam pela qualidade, coerência e decisão. Promovem o *affectio societatis*.

O IPLA não tem um ideal, ideologia, nem uma finalidade constituída, mas tem uma firmeza de direção. Debate com o Direito, Medicina, Genética, Arquitetura, Música, Artes, Educação, etc. Procura acompanhar o desenvolvimento tecnológico, utiliza multi-meios em suas reuniões. Tem site, *twitter*, vídeos no youtube, etc. Diferentemente de François Sauvagnat, não vê o *twitter* como ameaça. Entendemos que o *twitter* pode passar pela transferência, já que é um monólogo articulado, que leva em conta o fracasso da transparência e não tem a vocação de entender. No IPLA desenvolvemos trabalhos sobre a *Conversação*, *Second life*, *otakus*, *Orkut*, *Twitter*, *suecar*. Procuramos sempre introduzir o novo.

A questão é: Como causar a transferência fora do IPLA, uma relação centrífuga, baseada na ética e não na moral?

O exemplo da NRF mostra que é possível que pessoas se juntem a partir de diferenças econômicas, de diferenças sociais. Jorge Forbes, em sua conferência de abertura ao módulo *As Transferências*, do Corpo de Formação em Psicanálise do IPLA, disse que “A psicanálise acredita no poder do invisível – é o ponto cego da visão que nos guia e não o resultado dela. Não resolvemos nosso mal-estar com nenhum tipo de moral. Dentro daquilo que chamamos de transferência, será possível uma ética, se estabelecermos que exista um ponto comum. Esse ponto comum não significa se comportar da mesma maneira, mas quer dizer, se comportar diferentemente frente à mesma coisa possível. Será que nós suportaremos uma transferência com o real na falência de todas as soluções simbólicas e imaginárias?”

Nós acreditamos que sim. É a nossa aposta.

Bibliografia

Cerisier, A. Une histoire de La NRF. Paris: Gallimard, 2009.

De Masi, D. (Org.) A emoção e a regra – Os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1999.

Forbes, J. As Transferências - Conferência no IPLA: 3 de agosto de 2009.

_____. A Conversação: Em direção ao âmago da comunidade analítica, *in Revista Dora*: n.1, 1998.

Freud, S. A transferência – Conferência XXVII, 1916, *in ESBOPC*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. A dinâmica da transferência, 1912, *in ESBOPC*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Gide, A. Corydon. Paris: Librairie Gallimard, 1925.

_____. Les Faux-Monnayeurs. Paris: Gallimard (folio plus) 1997.

Hellebois, P. “L’Intuition d’André Gide”:

http://membres.lycos.fr/jlacan/ornicar/ornicardigital/Articles_d_Ornicar_digital/lintuition_dandre_gide_par_philippe_hellebois_281098.htm

Kant, E. Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Lacan, J. Televisão, *in Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. A psiquiatria inglesa e a guerra, *in Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967, *in Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Intervenção sobre a transferência, *in Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. “Juventude de Gide ou a letra e o desejo”, *in Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Miller, J-A. Affectio Societatis, *in Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Sauvagnat, F. Twitter, impuissance et diableries : l'inquiétante étrangeté aujourd'hui:

<http://www.causefreudienne.net/psychanalyse-et-politique/2009-09-23>

Roudinesco, E. Histoire de la psychanalyse en France.2. Paris: Seuil, 1986.

São Paulo, 5 de outubro de 2009.